Interditar ou capacitar? Desafios da mediação parental da Internet
Notas de pesquisa

Cristina Ponte
FCSH, Universidade Nova de Lisboa; coordenadora da equipa EU Kids Online Portugal

Pesquisa internacional - Maximizar oportunidades e minimizar riscos das crianças na Internet: o papel das competências digitais em novas estratégias de mediação parental[1]

Num tempo em que pais e filhos procuram cada vez mais tirar partido das potencialidades do digital, resultados de um inquérito a pais de crianças de 6 a 14 anos, em oito países europeus (França, Alemanha, Holanda, Espanha, Polónia, Itália, Suécia e Reino Unido), permitiram identificar uma forma de mediação para a Internet, a *mediação capacitante*, por oposição à mediação restritiva que procura reduzir os seus riscos pela interdição do seu uso.

Como se lê neste artigo que discute os resultados desse inquérito, a *mediação capacitante* articula a mediação ativa, a mediação para a segurança, o uso de controlos técnicos e a monitorização parental. Neste ambiente de comunicação e segurança, particularmente necessário quando as crianças se estão a iniciar na rede, estas estão mais à-vontade para pedirem ajuda aos pais, ou para lhes mostrarem o que descobriram, valorizando-se assim a interação pais-criança e encorajando-se usos positivos da Internet.

Ao contrário de uma mediação permissiva, que deixa a criança sozinha perante o ecrã e desvaloriza os seus riscos, e tal como a mediação restritiva, a *mediação capacitante* está mais presente em pais que consideram a Internet como um espaço com riscos.

O que faz a diferença entre uma mediação restritiva e uma *mediação capacitante*? As diferentes perceções sobre competências digitais, de pais e de filhos.

Os resultados da pesquisa internacional têm mostrado que os pais são mais restritivos se consideram que eles próprios têm poucas competências digitais. Por sua vez, pais digitalmente mais competentes estão mais conscientes das oportunidades *online* e por isso escolhem restringir menos as suas crianças.

Os pais também favorecem mais a mediação restritiva quando consideram que a criança tem baixas competências digitais, transitando para a *mediação capacitante* à medida em que as vão considerando mais. A idade da criança e o género também fazem diferença, com as meninas a tenderem a ser consideradas pelos pais como menos competentes do que os meninos.

---

[1] Livingstone, S., et al. (2017). "Maximizing opportunities and minimizing risks for children online: the role of digital skills in emerging strategies of parental mediation." *Journal of Communication*. http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jcom.12277/full

Crianças e pais digitalmente mais competentes serão mais capazes de explorar e de beneficiar das oportunidades digitais. As crianças serão também mais capazes de desenvolver resiliência contra o dano por enfrentarem mais um certo nível de risco.

Por isso os autores deste artigo, liderado por Sonia Livingstone, Kjartan Ólafsson e Ellen Helsper, da rede europeia EU Kids Online, concluem com três recomendações: as competências digitais dos pais devem ser consideradas em pesquisas sobre mediação parental; a mediação parental para a Internet deve ser incluída em pesquisa sobre inclusão e exclusão digital; políticas para solucionar a exclusão digital das crianças devem trabalhar para promover as suas competências digitais e a dos seus pais.

Pesquisa nacional sobre mediação parental nos usos da Internet em crianças de 3-8 anos

Em 2010, no inquérito EU Kids Online em 25 países europeus, os pais portugueses de crianças de 9-16 anos foram os que mais apontaram restrições no uso da Internet. Estavam também entre os que menos usavam a rede: apenas um terço acedia à rede todos os dias e 40% não a utilizava.

Os resultados do primeiro inquérito nacional sobre crianças de 3-8 anos que fazem uso de ecrãs[2], promovido pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social e realizado em 656 lares em 2016, revelaram mudanças: 66% dos pais de crianças destas idades são utilizadores frequentes da Internet e apenas um quinto declara não a usar. Metade dos pais que acede à Internet começou a fazê-lo antes dos seus 20 anos, sendo assim a primeira geração que viveu o digital na sua infância e adolescência. Os pais acedem à Internet sobretudo em casa, nos seus espaços comuns, através de smartphones e de computadores portáteis.

Neste ambiente digital, com ecrãs individualizados, móveis e de menores dimensões, segundo os seus pais 62% das crianças não usam a Internet.

O acesso das crianças quase triplica, de 22% no grupo etário dos três-cinco anos para 62% nos seis-oito anos.

A visão parental das competências digitais das crianças, apresentada no ponto anterior, surge aqui como relevante. No inquérito nacional, 91 dos 251 pais cujas crianças usam a Internet não conseguiram identificar qualquer competência digital das crianças entre a lista de oito que lhes foram perguntadas, o que sugere alguma falta de atenção e contraria o mito dos "nativos digitais".

A competência digital das crianças mais referida pelos pais no inquérito nacional foi saber instalar jogos. Esta competência sobe significativamente com a idade da criança, de 40% nos 3-5 anos para 62% nos 6-8 anos.

A observação direta e entrevistas a pais e crianças destas idades que usam a Internet, em 20 lares, complementou estes resultados e permitiu dar conta de diferentes experiências digitais

[2] Ponte et al. (2017). Relatório *Crescendo entre ecrãs. Os usos de ecrãs por crianças de 3-8 anos*. Lisboa. Entidade Reguladora para a Comunicação Social.

das crianças. Nas famílias onde prevalece uma mediação confiante e otimista, a criança tem autonomia relativa para gerir o que e onde quer ver nos ecrãs. Em famílias com uma filosofia mais protecionista, predomina um maior controlo sobre o tempo de ecrãs e os conteúdos a que as crianças acedem.

Os pais destacaram nas entrevistas competências cognitivas da criança estimuladas pelas atividades na Internet, como a capacidade de resolver problemas, aprendizagens linguísticas e de cálculo. Destacaram também competências sociais e emocionais, como saber lidar com a frustração.

Em síntese, os resultados do primeiro inquérito nacional sobre estas idades vão no sentido da protelação do digital (*ser demasiado novo para*…) que já se encontrou em estudos nacionais anteriores, e da *proteção por restrições* que marca a cultura parental nos países da Europa do sul, ainda que se note, contudo, que a idade da criança faz alguma diferença. Por sua vez, a observação em situação, sobre como crianças fazem usos do digital e os pais os orientam, ainda que realizada num pequeno número de lares, permitiu identificar variações nos modos como pais consideram as competências digitais das crianças e as suas próprias competências.

Estes resultados confirmam que não há "fato único", que sirva para todos os pais, nas mensagens a promover sobre usos digitais das crianças.

internet segura.pt
www.internetsegura.pt